

O MACHETE MADEIRENSE

The “Machete” stands for the national instrument of the islander.
(W. H. Koebel, *Madeira: Old and New*, London: Francis Griffiths, 1909, p. 179)

Manuel Morais
C.H.A.I.A. / UÉvora

1. *Introdução*

A grande voga dos relatos de viagem, publicados ao longo do século XIX e inícios do XX, dedicados ao arquipélago da Madeira, contém informações preciosas e são fontes inesgotáveis sobre o conhecimento das músicas e dos instrumentos que se usavam nestas belíssimas ilhas, situadas no vasto mar Atlântico. As edições que consultámos desta literatura de viagem – e que, nalguns escritos, a partir de meados de oitocentos, são já modernos guias turísticos – devem-se sobretudo à pena de um significativo número de estrangeiros, sobretudo britânicos, se bem que também encontremos autores norte-americanos, alemães, franceses e, mais raramente, portugueses, que visitaram o arquipélago da Madeira neste longo período histórico.¹

Os viajantes que aportaram à Madeira eram pessoas cultas, de conhecimentos e formações muito diferenciados, o que alarga e diversifica muito a temática contida nos seus relatos. Muitos dos forasteiros que visitaram a ilha, além de nos terem deixado testemunhos importantes sobre matérias tão diversificadas como, entre outras, a vida musical neste arquipélago, deslocaram-se à Madeira sobretudo pela amenidade do clima, principalmente no Inverno, na tentativa de curarem a tuberculose, bem como outras doenças do foro respiratório.²

Todavia, alguns dos seus depoimentos nem sempre são fiáveis, sendo mesmo passivos de erros e imprecisões, particularmente aqueles cuja data da publicação do relato é bastante posterior à estadia do autor na ilha. Noutros, ainda, encontramos citações copiadas (*ipsis verbis*) de anteriores viajantes, em virtude de à data da sua redacção já terem sido traídos pela memória, ou quererem complementar os seus textos com matérias que não dominam, como é o caso muito particular da referência aos instrumentos ou à música que se praticava no arquipélago da Madeira. Muitos desses relatos devem ser tomados com parcimónia e sempre que possível cotejá-los entre si, ou cruzar, no caso de existirem, a informação que nos disponibilizam com os testemunhos de portugueses da mesma época. Também não poderemos deixar de salientar que a curta permanência da maioria destes viajantes, somada ao desconhecimento, nalguns casos, da língua portuguesa, bem como a uma tremenda sobrançeria, particularmente por parte dos ingleses, perante os madeirenses em geral e os camponeses em particular, os levam a falsear ou a distorcer os seus escritos. É muito interessante comparar a leitura feita pela esmagadora maioria dos viajantes britânicos sobre o povo madeirense (que não

transparece nas fragmentadas citações que copiamos) com a dos norte-americanos que tivemos a oportunidade de consultar.

Alguns destes escritos são acompanhados de representações iconográficas dos instrumentos mais em uso no arquipélago, nomeadamente a viola, se bem que também encontremos imagens do machete e do violino. Actualmente, ao usarmos esta iconografia para um estudo organológico/morfológico dos mesmos, devemos ter bastante cautela porque, na sua esmagadora maioria, não pretendem, nem são, representações fotográficas dos instrumentos mencionados nestes textos, ainda que sejam elementos preciosos para a tipificação do cordofone (de mão ou de arco) a que se referem. Mesmo perante tantos e diversificados escolhos, os relatos de viagem que consultámos muito contribuíram para escrever este pequeno texto, se bem que continuem a ter a importância e o peso que lhe acharmos conveniente atribuir, de acordo com a matéria visada.³

Contudo, no que respeita ao estudo do machete madeirense, cerne deste trabalho juntamente com os artesãos que lhe deram forma e permitem neles tocar esse repertório único em toda a Macaronésia (e limitamo-nos aqui só a este espaço geográfico), nada substitui a consulta de um *corpus* cada vez mais alargado de um número bastante significativo e muito diversificado de manuscritos entretanto descobertos, entre as décadas de 1844 e 1910 – última fonte que temos conhecimento. A informação neles fixada deve ser cruzada com o estudo minucioso do nosso pequeno cordofone de mão – de caixa em forma de oito, braço longo, que arma com quatro cordas simples – cujos exemplares sobreviveram, pelo menos, desde meados de oitocentos e inícios do século XX, para nos balizarmos temporalmente ao âmbito deste trabalho.

O machete madeirense é considerado, por uma grande maioria dos relatos de viagem que compulsámos, como o instrumento de eleição na prática musical (tanto popular como erudita) dos habitantes do arquipélago e pelos forasteiros que o visitaram,⁴ sendo nalguns escritos o machete elevado à categoria de “instrumento nacional madeirense”.⁵ Num número muito mais reduzido de relatos, alguns testemunhos consideram-no, impropriamente, uma criação isolada dos violeiros madeirenses.⁶

O arquipélago da Madeira tornou-se, desde o seu achamento no século XV – devido sobretudo à sua posição geográfica no mar Atlântico – num local “estratégico de encruzilhada deste vasto espaço oceânico”.⁷ Ainda que, desde longa data, a Madeira tenha sido reconhecida “pela uberdade do sólo, optimos vinhos, arrebatadora bellezza da paisagem e salubridade do clima”, a sua “redescoberta”, agora já sob o ponto de vista de terra aprazível, só se intensificou após “as tropas inglesas se retirarem da ilha, depois de a terem ocupado de 1801 a 1802 e, mais tarde, entre os anos de 1807 a 1814”.⁸ Todavia, foi devido à ilha da Madeira ter sido considerada “como estância para o turismo terapêutico, mercê das então consideradas qualidades profiláticas do clima na cura da tuberculose, o que cativou a atenção de novos forasteiros. A tísica proporcionou ao longo do século dezanove o convívio com poetas, escritores, políticos e aristocratas”.⁹

Um grande número de estrangeiros, sobretudo britânicos, trouxeram para as ilhas da Madeira e do Porto Santo, uma nova sociabilidade urbana que emerge no Continente português a partir da segunda metade do século XVIII, e que faz uso de modas e padrões de conduta, sobretudo importados de França.¹⁰ Estas novas condutas sociais, que começam a libertar progressivamente a mulher da sua condição de semi-escrava, são, segundo rezam alguns relatos oitocentistas, ainda pouco praticadas ou até desconhecidas de um determinado extracto social madeirense. Esta nova sociabilidade que, como

dissemos, remonta ao século dezoito, era constituída pelas chamadas *assembleias* (*soirées*, em inglês) primeiramente em casas particulares da alta sociedade funchalense e posteriormente em locais públicos. Estes serões podiam ser unicamente musicais, onde se cantavam as célebres *modinhas*, entre outras canções em voga,¹¹ ou então consistiam num outro tipo de reuniões onde, paralelamente com os jogos de cartas, se praticava simplesmente a “arte” da conversação ou ainda da improvisação de versos sobre motes dados no momento. Os bailes¹² realizados no *Clube Funchalense* (fundado em 1839), entre outros locais, e os concertos no Palácio de S. Lourenço,¹³ organizados em benefício (dos pobres, asilos de mendicidade, órfãos desvalidos, escolas de meninas pobres, etc.),¹⁴ são os grandes motivos das distrações, tanto diurnas como nocturnas, dos forasteiros ou da alta sociedade madeirense. Mas ouçamos o que nos diz, por exemplo, uma das mais bem informadas senhoras anglo-portuguesas sobre um serão ocorrido no Funchal:

On the 9th of February [of 1854] we were invited to a soirée at the house of one of our most agreeable acquaintance, a French lady, married to a Portuguese Physician, who is a Member of the Cortes, President of the Camara, Director of Hospitals &c &c. It was a small party, but included several nations. There was a Russian lady, & three or four Germans, besides English, French, & Portuguese. After tea some national music was provided for our entertainment; a machete exquisitely played, a viola, or large guitar, and a cavaquinho, a machete with six strings, instead of four, peculiar to Oporto. These instruments were all well played, and harmonized well together, in the music peculiarly their own. I was very much pleased with it. [...] We were at several balls, and dinner parties about this time, but Lent put a stop to them for the present.¹⁵

É particularmente o estudo de um instrumento musical, como o piano, a viola, a guitarra, mas sobretudo – como as fontes comprovam – a prática do machete madeirense, que deleitou uma parte da sociedade madeirense e dos estrangeiros que aqui viviam, na esperança da sua cura, entretendo-se com o seu estudo e preenchendo assim as horas de ócio e lazer.¹⁶ Este pequeno cordofone de mão que tem essa dupla personalidade / possibilidade de ser o mais portátil de todos os instrumentos enumerados, é também, como veremos, o instrumento preferido do vilão madeirense:

O mais discutido, o mais acarinhado, o mais mimoso e o mais interessante dos instrumentos madeirenses: o braguinha. *Alegre e saltitante* no som, gracioso nas formas que o tornam *bibelot* de estima, foi no século passado o enlêvo das damas, talvez o seu confidente nas horas felizes e lenitivo nos momentos tristes. Viveu no fausto dos salões, aquecido nos colos tépidos das meninas românticas, escutando e transmitindo os segrêdos dos seus corações anelantes em melodias que dedos afusados de mãos patricias delicadamente desferiam... É ainda hoje [c. 1937], em certas casas, uma evocação, uma saudade indelével, um resquício de sonho...¹⁷

Contudo, o estudo de um instrumento músico foi (e ainda continua a ser) um dos melhores lenitivos contra o ócio e/ou o tédio dos madeirenses e forasteiros, particularmente mulheres – as mãos ocupadas libertam a mente e fazem passar muito mais depressa o tempo, sempre na esperança de se curarem das suas doenças, tanto as do foro psíquico que entretanto vão adquirindo, como a que as levaram a deixar os seus lares, na esperança da cura da temível doença da época – a tísica.

A prática do instrumento músico – por excelência o machete madeirense – conduziu à inevitável procura de um professor que o ensinasse a tocar.¹⁸ O florescimento desta actividade desencadeia a necessidade de se dispor de um repertório alargado que procurasse satisfazer o gosto dos executantes, tanto os nativos como os forasteiros. Eram também usados pequenos métodos que, desde pelo menos 1844, são conhecidos pela designação de “Princípios para Machete”. Desta forma permitia-se aprender o instrumento sem mestre, à semelhança do que acontecia com os métodos dados à estampa

na Europa para a viola francesa, ou violão, desde os finais de setecentos e ao longo do século seguinte. Daí o enorme número de manuscritos conhecidos, entre as décadas de *circa* 1844 até 1904, data da última compilação que nos chegou às mãos. Paralelamente nasce uma florescente arte de construtores, e com eles os mestres violeiros de toda a sorte de instrumentos músicos, tais como “violas francezas, guitarras, rabecas, rabecões, cavaquinhos” e, bem entendido, o machete madeirense. Alguns dos mencionados guias turísticos oitocentistas anunciam o local onde se podia adquirir machetes,¹⁹ juntando-se, no início do século vinte, anúncios em inglês onde se compravam: “*Violins, Guitars, and Machetes, also Strings for de same Instruments*”.²⁰

Foi sobretudo graças à grande procura de um repertório que se adaptasse tanto às características morfológicas e às possibilidades idiossincrásicas do peculiar machete, como à procura da parte dos alunos/consumidores das peças mais em voga em cada um dos seus países (música de salão ou doméstica que estavam habituados a praticar), que cada copista compilava os cadernos que serviam para os professores madeirenses que então se destacaram, como por exemplo o “hábil machetista” e compositor, virtuoso executante de machete e machetinho, Cândido Drumond de Vasconcelos (*fl.* 1841-1875), o violista-machetista, colector da música dos mais antigos Romances madeirenses de que temos conhecimento, e compositor, Manuel Joaquim Monteiro Cabral (*fl.* 1801- *c.*1860) e o grande adaptador de um repertório imenso e variado, além de compositor, cantor de igreja e professor de machete, que teve honras de ser citado pelo menos num relato oitocentista, António José Barbosa (1822-1899). Nestes manuscritos vamos encontrar uma diversidade de repertório (sobretudo para o machete a solo) que abrange as danças de salão oitocentistas, variações instrumentais (algumas de uma dificuldade extrema), canções (ou melhor romances) tradicionais madeirenses, canções britânicas (particularmente escocesas), norte-americanas, alemãs, árias de ópera em voga (cantadas ou tomadas como base para o desenvolvimento de variações puramente instrumentais) e atéfadados. Deste modo, ao longo de quase uma centena de anos, compilou-se, disperso por vários manuscritos (sobretudo oitocentistas), um *corpus* muito variado de peças para o machete madeirense, machete de Braga, ou simplesmente braguinha, e que veio a tornar-se num repertório impar em todo o mundo. Tudo nos leva a crer, ou melhor intuir, que esta será uma parte ínfima do repertório que existiu e, como “quem procura, acha”, temos a esperança que mais encontraremos, “se a tanto nos ajudar o engenho e a arte”.

Bendita tísica, benditos forasteiros – particularmente britânicos – que aportaram nesta bela terra madeirense e que vieram na esperança de se curarem das suas maleitas. Benditos todos..., mesmo os que se finaram (Paz às suas almas), porque foi graças a todos eles que, nesta pérola do atlântico, se cristalizou (creio ser este o termo justo para exprimir o fenómeno) o machete / braguinha e o seu peculiar e impar repertório (sobretudo o oitocentista), único em toda a Macaronésia, desconhecido no Continente português, no Brasil (colonial e ex-colónia) ou em outros locais onde se toque o nosso / deles pequeno cordofone de mão – também designado genericamente por *quatro*, *machinho*, *cavaco* ou *cavaquinho* – montado com quatro cordas simples, duplas ou até triplas!

2. Notas sobre as características do machete madeirense (vulgo braguinha)

O *Machete* é um pequeno cordofone de mão ou de corda dedilhada, de caixa em forma de oito com enfranque pouco acentuado, que entronca e pertence à grande família das *Violas de mão* quinhentistas. Sob esta designação o instrumento é usado em Portugal desde os finais de setecentos, conforme se pode provar pela documentação compulsada.²¹

Nos machetes que nos chegaram do séc. XIX, as características morfológicas mais usuais deste cordofone de mão são as seguintes:²² caixa em forma de oito com enfranque pouco marcado; tampo e fundo, chato ou ligeiramente abaulado, paralelos ou afunilando no sentido do tacão; braço que termina usualmente num cravelhal em forma de oito, inclinado para trás, com quatro cravelhas dorsais; escala em ressalto sobre o tampo, dividida, cromaticamente, por 12 a 17 trastos (tb. trastes, tastos, pontos ou casas) de latão batido; cavalete fixo colado no tampo, onde foram abertos quatro orifícios que o atravessam e onde são inseridos os botões ou pins – feitos de madeira rija, páu-preto ou osso – com que se prendem as cordas; no cavalete é ainda marchetada a pestana (do cavalete), feita de osso, madeira ou de um fio de metal igual aos trastes; o cavalete é usualmente rematado por dois pequenos bigodes retorcidos ou terminando em redondo; no tampo harmónico é aberta a boca sendo ornamentada por embutido de vários fios concêntricos de madeira escura, ou por um marchete muito elaborado de madeiras escuras ou coloridas – trabalho típico da Madeira, conforme se pode verificar na arte de embutidos usados nesta ilha; na base do tampo é ainda possível encontrar – nos instrumentos mais ricos e decorados – embutidos de madeira escura/clara (pau-santo/páu-rosa/buxo/perado tingido) de motivos florais; na base das ilhargas e no topo da cabeça são colocados dois botões de osso, onde se prendia uma tira ou cordão para colocar o instrumento em bandoleira ou a tiracolo; o tiro de corda oscila entre os cerca de 250 mm (para a “requinta” de machete) e os 345 mm, para os restantes instrumentos construídos entre meados do século XIX e o início da centúria seguinte; a caixa do machete pode ter entre *c.* 177 mm (“requinta” de machete) e 248 mm. As madeiras usadas na construção do machete madeirense são (quando possível, as endémicas): para o tampo harmónico (feito de duas peças) o “pinho de Flandres” ou de “Veneza” (nomes genéricos para as resinosas *Epicea excelsa* e *Epicea abies*);²³ as ilhargas e fundo normalmente de uma só peça, se bem que também se construam em duas metades – o cedro (*Juniperus oxicedrus*, tb. cedro da ilha ou da terra) o til preto (*Ocotea foetens*),²⁴ o vinhático (*Phoebe indica*) e mais raramente o plátano; no tampo harmónico pode ou não ser-lhe embutida uma cercadura para reforçar o seu rebordo; o braço é de castanho, cedro, vinhático ou mogno (nos instrumentos mais recentes); o espelho do cravelhal é de til ou páu-santo; o cavalete usa madeira dura, como páu-santo (*Guáiacó* ou outra da mesma família) ou til; escala de páu-santo ou til; as cravelhas de páu-santo, til ou buxo (*Buxus sempervirem*) escurecido. Nalguns machetes, o seu cravelhal termina em forma de bengala, noutros (mais raros) em ponto de interrogação. Nos finais do século XIX e inícios da centúria seguinte, são construídos machetes madeirense cujas caixas mostram formas zoomórficas, vulgarmente em figura de peixe-pargo entre outras formas que a imaginação de alguns violeiros permite, como por ex. forma de coração e de jarro.

A mais antiga descrição que conhecemos deste cordofone de mão deve-se à pena do padre Raphael Bluteau (1638-1734), que o regista no seu *Vocabulário*, datado de 1716:

“*Machete*. Viola pequena.”, sendo também anotado com a grafia de “*Machinho* também he viola pequena”.²⁵ No dicionário de António de Moraes Silva (1755-1824), datado de 1789, o machete é designado também por “Violinha, *descante*”;²⁶ no léxico de Francisco Constâncio (1844) lê-se: “*Machete*, s.m., viola pequena [...] vem do Lat. *macer*, magro, delgado”.²⁷ O machete ou machinho é mencionado no *Regimento para o ofício de violeiros* de Guimarães, datado de 1719, sob a designação de “Machinhos de quatro cordas [duplas?]”, bem como “[Machinhos] de cinco cordas”, juntamente com “Viollas de marca grande”, “meias Viollas” e “Viollas pequenas”.²⁸ O instrumento foi também incluído – juntamente com a Viola, Bandurra, Harpa e Rabeca – no *Rol da tacha do ofício de violeiro*, feito em Évora a 30 de Dezembro de 1778.²⁹

Não temos conhecimento de que nos tenha chegado algum exemplar de um machete de quatro ou cinco cordas do século XVIII e inícios do XIX. Apesar disso, no Presépio da Sé de Lisboa, cremos encontrar, entre a grande variedade de figuras tocando diferentes instrumentos musicais (viola, sanfona, gaita de foles, percussão, violas d’arco tiple, entre outros) um homem tangedo um machinho de quatro cordas duplas.³⁰

3. *Afinações*

*Entre la théorie et la pratique
il existe dans les moindres choses de la vie
un abîme profond.
(LambertiniC, p. 45)*

Foi graças à recente descoberta na ilha da Madeira de quatro novas compilações manuscritas para o machete madeirense, três das quais datadas, respectivamente, de 1844 e 1845,³¹ que hoje podemos afirmar que nem sempre este pequeno cordofone, de mão de caixa em forma de oito e braço longo, fez uso da tradicional afinação sobre o acorde de sol maior. Segundo o que é expressamente indicado nestas fontes, o machete devia ser afinado da seguinte maneira: ré₂ – sol₂ – si₂ – mi₃. Até à descoberta destas quatro compilações, a afinação do machete madeirense - para ser possível tocar cabalmente o *corpus* do repertório que nos chegou entre c. 1846 e 1910 – era o consensual: ré₂ – sol₂ – si₂ – ré₃.

Todavia, nos relatos que conhecemos de viagem ao arquipélago madeirense, como, por exemplo, o do acima citado norte-americano, John Adams Dix, que a visitou no inverno de 1843, podemos ler que o machete - que arma com quatro cordas de tripa – era, segundo este autor, afinado por quintas, como o violino, ou, posteriormente, como o bandolim.³² De outro norte-americano, o médico Albert Leary Gihon (1833-1901), do qual conhecemos um pequeno relato da viagem que fez à Madeira, publicado em 1877, diz-nos que o machete era afinado em tom menor e tocado com uma unha postiça de metal colocada no dedo polegar.³³ Perante as novas fontes que encontramos e que citámos acima, não descartamos (como fizemos noutros anteriores escritos) nenhuma destas possibilidades de afinar o instrumento. Aliás, o uso da *scordatura* praticado sobre uma afinação padrão, não foi no passado, nem é no presente, caso particular do machete. Esta prática de “desafinar” alguma das suas cordas é característica dos cordofones, tantos os de mão como os de arco, para não andarmos muito mais para trás, desde pelo menos

os inícios do século dezoito, razão pela qual não descartamos o uso de qualquer das afinações acima propostas.³⁴

4. *Conclusão* (?)

*La vita fugge, et non s'arresta una hora,
et la morte vien dietro a gran giornate,
et le cose presenti et le passate mi
danno guerra, et le future anchora;*
(Francesco Petrarca, 1304-1374; *Soneto* CCLXXII)

Faz precisamente quinze anos que “descobri” (a partir de agora deixo cair o majestático para escrever na primeira pessoa do singular) a primeira compilação manuscrita de peças para machete madeirense do “hábil machetista”, professor e compositor funchalense, Cândido Drumond de Vasconcelos (*fl.* 1841-1875). Este achamento só foi possível, graças à ajuda desinteressada do Amigo Rui Camacho, director da Associação de Música e Cultura *Xarabanda*, Funchal, que me mostrou uma fotocópia desse precioso manuscrito, cujo original se encontra guardado no rico espólio da Associação *Recreio Musical União da Mocidade*, S. Roque, Funchal, pelo menos desde a década de 1990.

Sem falsa modéstia, foi graças à publicação moderna que fiz desta colectânea, dada à estampa em Novembro de 2003 – sete anos depois da sua descoberta – e lançada no Funchal no átrio do Teatro Municipal Baltazar Dias, no dia 18 de Fevereiro de 2004,³⁵ que se deu o fantástico incremento, tanto da interpretação do seu peculiar, impar e erudito repertório, completamente esquecido há mais de cem anos, como também do estudo do instrumento para o qual estas obras foram originalmente escritas – o machete madeirense, ou mais vulgarmente conhecido na ilha por braguinha. Mas o seu interesse não se cingiu somente ao arquipélago da Madeira tendo-se alargado ao estrangeiro, particularmente aos E.U.A, levado a cabo pelo, entretanto falecido, malgrado John Robert King (1953-2009), virtuoso tocador de *ukulele* e, posteriormente grande divulgador do machete madeirense e do seu repertório que, reiteramos, é único na Macaronésia, só para nos delimitarmos a este espaço atlântico.

Infelizmente, repito infelizmente, é uma pena que esta música e o seu instrumento não sejam ensinados no mais importante estabelecimento de ensino musical da Madeira, refiro-me ao *Conservatório – Escola das Artes – Eng.º Luiz Peter Clode*. Ressalvamos aqui a atitude impar de um dos seus docentes, o Dr. Ricardo Agrela, que numa recôndita delegação do Porto Santo, do mencionado estabelecimento de ensino, resiste estoicamente e continua a divulgar junto dos seus alunos, o machete/braguinha e o seu erudito repertório. Aliás, aquando do seu exame final realizado no âmbito da sua licenciatura, ainda como meu aluno em Música na Universidade de Évora, teve a coragem de, como madeirense de gema, dedicar metade do exame final do instrumento escolhido – a Viola – ao repertório de um seu patrício, o machetista Cândido Drumond de Vasconcelos, deixando estupefactos o júri, tal como aconteceu a meados do século dezanove com o inglês Robert White, que teve a mesma reacção perguntando-se, como que uma viola anã (como lhe chama outro forasteiro oitocentista), podia “nas mãos de um tocador qualificado o machete ser capaz de uma harmonia tão atraente, e o estrangeiro

[neste caso o júri] ser por vezes agradavelmente surpreendido ao ouvir a música da moda dos nossos salões de baile produzida com considerável efeito no que parece ser um instrumento tão insignificante.”

Mas nem o repertório erudito madeirense para o machete/braguinha, nem para a música de autores ilhéus para o piano, nem tão pouco para a viola francesa ou violão oitocentista (que erradamente é aí chamada de guitarra clássica), entretanto descoberto se ministra, como acima afirmamos e reiteramos, nesse importante local de ensino. Por uma razão tão simples quanto esta: porque é um “Conservatório” (do fr., *Conservatoire*, de verbo conservar) isto é, um local onde se preserva de maneira como o delineou, em Paris, no ano de 1822, o célebre Luigi Cherubini, fechado sobre si próprio, ensinando o tradicional e arcaico repertório a que os norte-americanos designam por *common practice period* – que abarca, nos estabelecimentos de ensino mais retrógrados e reaccionários, o repertório dos compositores compreendidos entre Bach e Debussy.

Graças aos Deuses (quais não sei), que em contrapartida, o “Gabinete Coordenador de Educação Artística”, com sede no Funchal, em boa hora, inicia sem preconceitos e de modo criativo, o estudo dos instrumentos tradicionais madeirenses, através do seu ensino regular, onde, inevitavelmente, cabe ao machete/braguinha um lugar privilegiado no leque dos cordofones dedilhados, devido ao seu impar repertório oitocentista. Segue-lhe de perto a Associação de Música e Cultura *Xarabanda*, que pouco tempo depois cria também uma classe para o machete/braguinha, tendo tido nos dois locais um estrondoso êxito, particularmente levando crianças a partir dos seis anos de idade a iniciarem-se na sua prática, tanto de um modo lúdico como, num grau mais avançado, tocando um repertório mais difícil, permitindo assim uma ampla divulgação do machete/braguinha. Limitando-nos ao machete madeirense, o GCEA, integrado na “Colecção Madeira Música” (vol. 4), publicou um CD-ROM + Áudio (com textos em português e inglês) intitulado *O Machete Madeirense no Séc. XIX* onde é possível ouvir, visualizar, imprimir e obter dados biográficos de três compositores para machete na Madeira, aí registados, nomeadamente, Cândido Drumond de Vasconcelos, Manuel Joaquim Monteiro Cabral e António José Barbosa.

Pelo meu lado, criei um agrupamento especialmente dedicado a divulgar e contribuir para o ressurgimento da música madeirenses do século XIX e início do seguinte, a que designei “Quinteto Drumond de Vasconcelos” (que poderá ser encontrado no *Facebook*), em homenagem a este grande músico, virtuoso executante de machete e machetinho, e compositor funchalense, mas com uma costela escocesa. A sua estreia, que teve lugar no dia 12 de Junho de 2010, pelas 18:30h, no Teatro Municipal Baltazar Dias, Funchal, foi integrada no “XXXI Festival de Música da Madeira”.³⁶ Aproveitando a estadia dos músicos no Funchal gravámos um CD-ROM + Áudio, integrado na “Colecção Madeira Música”, que intitulei *Um Serão Musical no Funchal Oitocentista*, esperando que seja lançado no mercado discográfico o mais breve possível.

Todas estas acções em conjunto, nomeadamente a edição moderna em 2003, da 1.^a *Colleção de diferentes Peças de Muzica, Compostas por Candido Drumond de Vasconcellos*, o estudo sistemático deste repertório – o único até à data conhecido – tocado sobre copias (ou réplicas, que para o caso são sinónimos) de machetes existentes na Madeira construídos pelo artesão violeiro Mestre Carlos Jorge Rodrigues, a publicação do CD-ROM + Áudio, pelo GCEA, a criação do “Quinteto Drumond de Vasconcelos”, entre outras iniciativas, despoletaram o aparecimento de novas compilações manuscritas,

que se encontram em espólios que se preservam tanto na ilha da Madeira como no Continente, nomeadamente: na UMRM; na AMCXarabanda; na minha colecção pessoal, e, em pelo menos três espólios privados. Todas estas compilações, que intuimos não serão as únicas, perfazem até agora mais de meio milhar de peças a solo, a duo, para canto acompanhado por um ou dois machetes, e que permitirão, num futuro a breve trecho, escrever um estudo, espero, desta feita, por musicólogos madeirenses – onde já escrevi este repto?

Entretanto os meus Amigos madeirense, e não só, vão-me enviando novas fontes primárias e secundárias dos mais variados géneros: inéditos, e para mim desconhecidos, relatos de estrangeiros que visitaram a ilha da Madeira em oitocentos; novos cordofones de mão que se pensavam perdidos; novos dados sobre a vida quotidiana do Funchal no século dezanove; fotografias de vilões tocando braguinhas e violas d'arame; partes de livros digitalizados dos quais tenho os originais; etc., etc..

Mesmo assim, bem hajam a todos! Resta-me para clausular este trabalho, que já vai longo e fastidioso,³⁷ copiar a prosa do nosso grande José Almada Negreiros, quando nos diz que:

Ser autor é o caso mais sério que se regista na história da inteligência humana. Ser autor é, depois de saber tudo o que se conhece trazer-nos inédito o que ainda pertence ao conhecimento geral. O que efectivamente permanente e quotidiano é a presença individual humana, o caso pessoal de cada um de nós. É esta a única base e o único fim de toda a sociedade.

Eu gosto de procurar sozinho para me encontrar com todos. Não nos esqueçamos nunca de que o destino de cada indivíduo é, afinal, o único acontecimento importante inédito que sucede no mundo, no presente e nas gerações.

(*Almada, a Cena do Corpo*. Lisboa: Centro Cultural de Belém, 1993, p. 23)

¹ MoraisCd, pp. 9-10 e MoraisA, pp. 30-1. Sobre esta questão consulte-se o texto introdutório no artigo de BrancoT, pp. 198-209. Neste alargado e bem documentado estudo (sécs. XVI-XIX) são descritos e estudados os relatos de viagens sobre a Madeira, que se guardam em bibliotecas nacionais (P-Ln e P-Lfg). Completámos a informação contida neste artigo, recorrendo à consulta de outros testemunhos de viajantes que aportaram ao arquipélago, nomeadamente, norte-americanos, alemães e alguns portugueses. Esta consulta foi realizada maioritariamente através da internet: Google livros <<http://books.google.pt/bkshp?hl=pt-pt&tab=wp>>; Internet Archive <<http://www.archive.org/index.php>>; Nesos-Base de Dados de História das Ilhas Atlânticas <<http://nesos.madeira-edu.pt/>>, entre outros que indicaremos à medida que os citamos. Agradecemos ao Prof. Dr. Rui Vieira Nery, por nos ter disponibilizado a consulta e o uso de fontes do seu importantíssimo trabalho, que se encontra no prelo, *Alegres, Beatos e Devassos. As Músicas Luso-Brasileiras do Antigo Regime nos Relatos dos Viajantes Estrangeiros (1750-1834)*. Um bem haja também lhe é devido, porque todas as traduções de inglês para o português são de sua autoria.

² VieiraA, p. 35, “[...] Não obstante a polémica causada em torno das possibilidades do sistema de cura, a ilha permaneceu por muito tempo como local de acolhimento de doentes, sendo considerada a primeira e principal estância do velho continente.”. O mito sobre os benefícios do clima da Madeira para a cura da tísica, foi, provavelmente, impulsionado pelos escritos do médico inglês, Thomas Heberden ((Inglaterra, 1703-Funchal, 1769); <<http://southseas.nla.gov.au/biogs/P000362b.htm>> (acesso em 24-III-2011), “Observation of the Weather in Madeira made by Dr. Thomas Heberden, and communicated by William Heberden, M. D. F. R. S.” *Philosophical Transactions*, vol. XLVII (1753). Todavia, esta informação carece ainda de uma investigação mais aprofundada.

³ Salvo raras exceções, as representações iconográficas conhecidas em Portugal de instrumentos de corda dedilhada, particularmente os cordofones de mão de caixa em forma de oito e braço longo - estão neste caso as gravuras ou desenhos que constam dos métodos práticos dedicados aos instrumentos, como por

exemplo a gravura inserida no de RibeiroN, *Estampa I*, que representa o braço da viola e parte da sua caixa, cf. MoraisP e MoraisV, p. 428 - não devem ser usadas como um fim em si próprio nem tampouco como base científica para a sua descrição organológica. Ainda que a iconografia possa ser um complemento importante para o estudo dos diferentes tipos de cordofones madeirenses, aqueles que aparecem a ilustrar alguns dos relatos citados, devem ser tomada com bastante cautela, em virtude de muitos destes desenhos/gravuras nem sempre reproduzirem fielmente a realidade local, nem os seus autores serem peritos em música. Reiteramos assim o que acima já tínhamos afirmado: a inclusão da iconografia musical na literatura de viagem oitocentista pretende – e este é o ponto crucial – somente ilustrar os textos, mostrando ao leitor da época não uma realidade factual mas a visualização mais ou menos fiel desses instrumentos, porquanto, regra geral, esses textos são muito parcos ao descrever com detalhe os cordofones que viram e ouviram tocar. Nalguns casos as gravuras foram provavelmente desenhadas por artistas que não acompanharam o responsável do relato, representando por vezes mais a realidade que conhecem, do que aquela que o autor do texto pretende transmitir. Também na passagem do desenho para a gravura, quando o gravador não é o autor do desenho pode alterar toda a minuciosidade do original, nomeadamente no que respeita à concordância entre o número de cordas e o das cravelhas do instrumento que pretende representar, à colocação das mãos do tocador, às dimensões justas do instrumento, e a um sem número de outros detalhes, muito importantes para o investigador actual, mas com certeza secundárias para o artista da época, muito mais preocupado com a imagem no seu todo do que com as particularidades organológicas de cada um dos cordofones representados.

⁴ Veja-se os relatos de viagens e os guias turísticos dados à estampa nos sécs. XIX e início do XX: WhiteM, p. 38; PikenM, pp. 4-5; WortleyV, cap. IX, pp. 233-5; MarchS, p. 75; FrançaJ, II, p. 19; PowerP, p. 11; HutcheonT, p. 104.

⁵ KoebelM, p. 179; JardimM, p. 97.

⁶ DixW.

⁷ SilvaM, I, p. 33.

⁸ *Elucidário*, II, pp. 307 e 313.

⁹ VieiraA, p. 35.

¹⁰ MoraisDc, pp. 81-101, com vasta bibliografia sobre a questão.

¹¹ White, Johnson, Wortley.

¹² EsteireiroR.

¹³ *Elucidário*, I, pp. 280-81.

¹⁴ MoraisA.

¹⁵ FrançaJ, I, p. 183: “A 9 de Fevereiro [de 1854] fomos convidados para um sarau em casa de um dos nossos conhecidos mais simpáticos, uma senhora francesa, casada com um médico português que é membro das Cortes, presidente da Câmara, director dos hospitais, etc. Éramos um grupo pequeno, mas que incluía várias nações. Havia uma senhora russa, três ou quatro alemães, além de ingleses, franceses e portugueses. Depois do chá, ouve música nacional para nosso entretenimento: um Machete primorosamente tocado, uma Viola grande e um Cavaquinho - um Machete de seis cordas em vez de quatro, característico do Porto. Estes instrumentos foram todos bem tocados e harmonizavam-se bem entre si nas músicas que lhe são próprias. Agradaram-me muito. [...] Estivemos em vários bailes e jantares neste período, mas a Quaresma pôs-lhe por agora um ponto final.” No prefácio deste livro, ficamos a saber que a anfitriã francesa da casa onde se realizou o serão (ou *assembleia*) era, passamos a citar: “[...] D. Angélique Delmas, esposa do Dr. António Luz Pitta [1802-1870, cf. tb. ClodeR, p. 381], com quem casou, antes de 1833 em Montpellier, quando este ali cursava Medicina. Mme. Pitta pertencia a uma das mais distintas famílias provençais e foi, no Funchal, um exemplo de verdadeira senhora francesa, pelas maneiras e elegância. Veio a falecer em 1850 durante a epidemia de cólera-morbus.”

Quanto ao cavaquinho (primeira menção do termo nestes relatos), montado com seis cordas, é citado por LambertiniC, pp. 63-4, mas diz-nos (c. 1902) ser usado: “Aux Açores elle [*braguinha*] se fait à 6 cordes, au lieu de 4 et elle est basée sur l'accord de sol majeur: ré, si, sol, ré si, sol.”

¹⁶ A mais antiga referência ao estudo do machete na ilha da Madeira remonta à década de 40 do séc. XIX, e encontramos-na na obra de D’OrseyC, p. 93: “Machete lesson. / *Lição de machete*.”. Este livro foi dada à estampa em Londres em 1860 (no prefácio lê-se, *London, 1st October, 1959*), é já uma segunda edição. Falta confirmar se na primeira publicação foi ou não incluída esta lição. Devo esta informação ao Dr. Duarte Mendonça – madeirense e esforçado investigador das coisas da sua bela terra – bem haja. Contudo uma data inquestionável é a que foi grafada na compilação de Drumond de Vascelos, cf. MoraisC, p. 13: “*Para uso de Joanna Mathilde Beda de Freitas* Começando nos seus Estudos 3.^a feira 27 de Outubro de 1846”.

¹⁷ SantosT, p. 33.

¹⁸ Da 2.^a edição da obra de White/JohnsonM, p. 45, copiamos uma curta passagem do capítulo “Schools and Masters”, onde se diz que na ilha da Madeira: “[...] skillful instructor on the guitar and the machete may be easily found.”¹⁸ “[...] facilmente se encontra um professor talentoso de viola ou de machete.”. Cândido Drumond de Vasconcelos (para o machete) e Manuel Joaquim Monteiro Cabral (para a viola e machete) são, por enquanto, os professores mais conhecidos neste período. A estes podemos juntar o nome de António José Barbosa (1822-1899), cf. MoraisCd, pp. 39-43.

¹⁹ TaylorM, cap. VI. pp. 88-9 e JohnsonM, cap. 5.^o, pp. 59-60.

²⁰ “Bazar do Povo”, anúncio inserido, entre outros guias, no PowerP, p. 20. O “Bazar do Povo” foi fundado, no Funchal, em 1855.

²¹ BudaszF, p. 30-4.

²² Em D’OrseyC, p. 93 (“Machete lesson. / *Lição no Machete*”) encontramos, tanto em inglês como na sua tradução portuguesa, os diferentes nomes das partes que é constituído o instrumento: “*Neck, pegs, upper bridge.* / Braço, caravêlhas [tb. carvêlha], pontos, pestana [da escala]; *Sounding-board, opening bridge.* / Tampo, bôcca, cavalête.; *Strings, 4th, 3rd, 2nd, 1st.* / Córdas, bordão, toêira, segúnda, prima.; *Put the first finger so.* / Põnha o primeiro dêdo assím.; *Screw up. Let down.* / Apérte a carvêlha-alárgue.”. Em BluteauV, vol. V. P. 134, tb podemos encontrar a seguinte terminologia: “Instrumento Musico de cordas. Tem corpo concavo, costas, tampo, braço, espelho, cavallette para prender as cordas, & pestana para as dividir, & para as pôr em proporção igual; tem [...] trastos, para se dividirem as vozes, [...]. Tem [...] cordas, a saber, a primeira, a segunda, & corda prima, a contra prima e o bordão.”.

²³ No séc. XVIII em substituição usava-se a tília, cf. MoraisV-

²⁴ O til foi tb usado no continente no séc. XVIII, para a construção de fundos e ilhargas, cf. MoraisV.

²⁵ BluteauV, vol. V, p. 134.

²⁶ SilvaD, vol. I, p. 40.

²⁷ ConstancioD, p. 666.

²⁸ CarvalhoM, pp. 191-193 e BragaC, pp. 57-58.

²⁹ Para mais detalhes sobre os *Regimentos*, cf. MoraisC, p. 18. O vocábulo *machete* aparece referido no modelo mais pequeno de um tipo regional da viola d’arame de dois corações açoriana, designada por, “meia-violas, requinta ou machete”, As medidas da caixa são muito maiores que as do machete madeirense, comprim., 350 mmm, bojo superior 168 mmm, cintura, 129 e bojo inferior 222 mm. Estas medidas são muito maiores que um machete rajão, ou só rajão madeirense. Cf. AlmeidaV, p. 83

³⁰ PaisP, p. 67, presépio provavelmente feito, assinado e datado por *Joach Machado de Castro / inven. et fecit. / 1766*. Para reprodução pormenorizada, cf. CardosP, p. 58. Ainda não tínhamos conhecimento desta representação iconográfica, que cremos ser de um *machinho*, em Outubro de 2002 o violeiro madeirense, Carlos Jorge Rodrigues, construiu um machete de cinco ordens de cordas duplas, baseado num desenho conjectural de um instrumento setecentista. A forma deste machete foi tomada em duas Violas de cinco ordens espanholas, que nos chegaram em estado original, construídas na primeira metade do séc. XVIII: José Massague, Barcelona, 1750 (US-NYmm, 1990.220); e outra Anónima, c. 1700 (E-Bm, Museu da

Música, n.º 118), cf. *Guitarra*, pp. 108-110 e 106-107. Com base nas informações de Bluteau e de outros dicionaristas do séc. XVIII, o *Machete* ou o *Machinho* não é mais que uma “Viola pequena”, reduzimos a escala destes instrumentos para um tiro de corda de 554 mm. Este comprimento foi obtido a partir de estudos realizados por Minno Peruffo, da “Aquila Corde Armoniche”, Veneza, que provam que para um instrumento montado com tripa e afinado em Sol (392 Hz) deve ter como tiro de corda os 620 mm. Assim para um *machete* afinado em Lá (440 Hz), o seu de tiro de corda deve ser de c. 554 mm.

³¹ As três primeiras fontes, fazem parte do espólio musical pertencente um particular madeirense. A quarta, que não está datada, mas que ao ser cotejada com as anteriores mostra que foi copiada por volta de 1844-5, faz parte do riquíssimo espólio musical da Associação “Recreio Musical União da Mocidade”, São Roque, Funchal. Aproveito para agradecer aos proprietários o livre acesso à sua consulta de tão cruciais (possibilidade essa que foi alargada à sua reprodução os fotografar). Bem hajam.

³² DixW, pp. 72-3: “[...] the machete. It is an invention of the island, and one of which the island has no great cause to be proud. In its form it a dwarf guitar, the body perhaps eight inches long, with four strings of catgut tuned in fifths.” / “[...] o Machete. É uma invenção da ilha, da qual a ilha tem grande razão de se orgulhar. A sua forma é a de uma viola anã, e tem [...] quatro cordas de tripa afinadas por quintas.”.

³³ GihonS, p. 556: “[...] the national *machete* – a little guitar-shaped instrument of four strings, tuned in the minor key, and struck with a steel thumb-shield.” / “[...] *machete nacional* – um pequeno instrumento em forma de viola com quatro cordas afinadas no modo menor é tocado com uma unha postiça de metal no polegar.”.

³⁴ É bem provável que Agostinho Martins(1841-1909) usa-se a afinação por quintas, já que era sobretudo violinista, cf. EsteireiroH, pp. 17-18. Sobre a afinação por quintas, ver *Elucidário*, I, p. 167.

³⁵ O evento, que teve direito a pompa e circunstância, realizou-se no átrio do centenário teatro funchalense, sendo a mesa constituída por Sua Excelência o Presidente do Governo da Região Autónoma da Madeira, Dr. Alberto João Jardim, pelo Presidente da Câmara Municipal do Funchal, Dr. Miguel Albuquerque, pelo Presidente da Assembleia Geral do RMUM, Dr. Gil Caroto e, por mim próprios. Depois de todos os elementos da mesa terem falado, seguiu-se um pequeno concerto onde foram interpretadas alguma peças de Cândido Drumond de Vasconcelos, tocadas por Roberto Moritz (machete) e Roberto Moniz (viola), docentes do GCEA. Quando terminaram, o Exm.º Sr. Dr. Alberto João Jardim, na sua peculiar fala, dirigiu-se à Exm.ª Sr.ª Eng.ª Inês Costa Neves, presente na assembleia, lembrando-lhe que este repertório devia ser ensinado no estabelecimento de ensino que dirige (*Conservatório - Escola Profissional das Artes da Madeira*), à qual a Sr.ª Directora respondeu afirmativamente. Esta cerimónia foi rematada por um belo concerto, realizado na salão do teatro pela “Orquestra de Bandolins da Madeira”, dirigida pelo Maestro Eurico Martins.

Todavia, mesmo com a advertência do Exm.º Sr. Dr. Alberto João Jardim, no citado estabelecimento de ensino não se ensina nem machete madeirense nem tão pouco o seu impar repertório e, em contrapartida, criou-se um curso livre de rajão e viola d’arame. O que me deixa perplexo, é que as quatro primeiras cordas da viola d’arame madeirense têm precisamente a mesma usual afinação que as do machete madeirense. Porque não fazer uso desta particularidade para se tocar o referido repertório?

³⁶ <<http://www.youtube.com/watch?v=EaRyv6KxeFA>>.

³⁷ Uma das maiores afrontas que um autor pode receber de algum dos seus putativos leitores é quando nos acusam de nos termos esquecido de acrescentar determinados dados (importantíssimos por sinal, para ele, bem entendido) e que por essa razão cometemos um “erro de palmatória”. Na esmagadora maioria das vezes, os tais ditos cujos, ou não leram o nosso texto, ou se o leram foi transversalmente, ou, pior ainda, “esqueceram-se” de ler as notas de roda-pé. E porquê? Porque dão muito trabalho, são aborrecidas, coisas de académicos, etc. . Resumindo, falar é fácil, parir é que é difícil! Daí o meu lema: só escrevo para alguns, os outros que vão “p’ró inferno”; ou melhor, parafraseando Almada Negreiros, digo, “Morrão os Pseudo-Leitores, Morrão! Pim!”.

Bibliografia (citada e de referência):

- AlmeidaV José Alfredo Ferreira Almeida, *A Viola de Arame nos Açores*, Ponta Delgada: Publiçor, 2010.
- AzevedoH Maximiliano [Eugénio] de Azevedo (n. Funchal, 16-II-1850; m. Lisboa, 4-XII-1911), *Historias das Ilhas (Reminiscencias dos Açores e da Madeira). Desenhos de Celso Hermínio*. Lisboa: Parceria António Maria Pereira, 1899. <<http://www.archive.org/stream/histriasdasilha00azevgoog#page/n7/mode/2up>> (acesso em 12-X-2010).
- BainesE Anthony Baines, *European & American Musical Instruments*. Londres: B T Batsford Ltd..
- BalbiE Adrien Balbi (1782-1848), *Essai statistique sur le royaume de Portugal et d'Algarve*. Paris: Chez Rey et Gravier, 1822. Ed. facsimilada.
- BluteauV Raphael Bluteau, *Vocabulario Portuguez & Latino*. Coimbra: No Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712-1728.
- BowdicheE Thomas Edward Bowdiche, *Excursions in Madeira and Porto Santo, during the autumn of 1823, [...]*. Londres: George B. Whittaker, 1825 (P-Ln, H.G. 18631 V., ou H.G. 36991 V.); *Excursions dans les isles de Madère et de Porto-Santo, faites dans l'outonne de 1823, [...]*. Paris e Estrasburgo: F. G. Levrault, 1826 P-Ln, D. S. XIX – 327. <http://nesos.madeira-edu.pt/fr_imagens_livro.cfm?cod_livro=340> (acesso em 10-II-2010).
- BrancoT Maria dos Remédios Castelo Branco, “Testemunhos de viajantes ingleses sobre a Madeira”, *Colóquio Internacional da História da Madeira*. 1986, Funchal: Secretaria Regional do Turismo, Cultura e Emigração / DRAC, 1989, pp. 198-246.
- BragaC Alberto Vieira Braga (1948) “Curiosidades de Guimarães”, *Revista de Guimarães*, LVIII (1948), nº 1.
- BrasseyT Annie Brassey, *In the Trades, the Tropics, & the Roaring Forties*. Londres: Logmans, Green & Co., 1885 P-Ln, H.G. 32447 V.. <http://nesos.madeira-edu.pt/fr_imagens_livro.cfm?cod_livro=586> (acesso em 20-III-2010).
- BudaszF Rogério Budasz, *The Five-course Guitar (Viola) in Portugal and Brazil in the Late Seventeenth and Early Eighteenth Centuries*. A Dissertation Presented to the Faculty of the Graduate School University of Southern California [...] for the Degree Doctor of Philosophy. Los Angeles, California, August 2001.
- BurneyJ Fanny Anne Burney, *A great-niece's journals. Being extracts from the journal of [...] (Mrs. Wood) from 1830 to 1842. Edited [...] by her grand-daughter Margaret S. Rolt*. Bóston: Houghton Mifflin Co., 1926; Londres: Constable & Company Ltd., 1926.
- BurtonW Richard Francis Burton (1825-1890), *Wanderings in West Africa from Liverpool to Fernando Po*. London: Tinsley Brothers, 18, Catherine St., Strand, 1863, vol. I. <http://books.google.pt/books?id=9a7tVF1a0VYC&printsec=frontcover&dq=wanderings+in+west+africa+from+liverpool+to+fernando+po&hl=pt-pt&ei=UYegTYKMHcS38gPUzrGtAw&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1&ved=0CCkQ6AEwAA#v=onepage&q&f=false> (acesso em 15-III-2009).
- CaldeiraF Abel Marques Caldeira (1896-1964), *Falares da Ilha. Pequeno dicionário da linguagem popular madeirense*. Pref. Emanuel Paulo Ramos. Funchal: Eco do Funchal, 1961. P-Ln, 15765 V.
- CardosoP Arnaldo Pinto Cardoso, *O Presépio Barroco Português*. Lisboa: Bertrand, 2003.
- CarvalhoM A. L. de Carvalho, *Os Mestres de Guimarães. IV*. Barcelos: Companhia Editora do Minho, 1943.

ClodeR	Luiz Peter Clode (1904-1990), <i>Registo bio-bibliográfico de madeirenses. Sécs. XIX e XX</i> . Funchal: Caixa Económica do Funchal, s.d. 1984.
CombeH	[William Combe], <i>A History of Madeira. With a series of twenty-seven coloured engravings, illustrative of costumes, manner, and occupations of the inhabitants of that island</i> . Londres: R.[udolph] Ackermann, 1821. P-Ln, Res. 2307 V.; D.S. XIX-274. < http://nesos.madeira-edu.pt/fr_imagens_livro.cfm?cod_livro=564 > (acesso em 10-III-2010).
ConstancioD	Francisco Solano Constâncio (1777-1846), <i>Novo diccionario critico e etymologico da lingua portugueza</i> . Paris: Angelo Francisco Carneiro, 1863. P-Ln, L. 11211 V.
CruzD	Visconde do Porto da Cruz [Alfredo António de Castro Teles de Meneses de Freitas Branco], “As Danças e as Músicas Madeirenses”, <i>Signo</i> , separata do n.º 20, Aveiro, Novembro 1959, [pp. 1-7].
CruzT	Visconde do Porto da Cruz, <i>Trovas & Cantigas do Arquipélago da Madeira</i> . Edição do Autor, s.l., 1954.
DixW	John Adams Dix (1798-1879), <i>A Winter in Madeira: and a Summer in Spain and Forence</i> . New-York: William Holdrege, 1850; New-York: William Holdrege, 1851, 2.ª ed.; New-York: D. Appleton & Company, 1853, 5.ª ed., P-Ln, D.S. XIX-725. < http://nesos.madeira-edu.pt/fr_imagens_livro.cfm?cod_livro=560 > (acesso em 25-IV-2010).
D’OrseyC	Alexander J.[ames] D.[onald] D’Orsey (1812-1894), <i>Colloquial Portuguese; or the Words and Phrases of Every-day Life</i> . London: Longman, Green, Loongman, & Roberts; Whittaker & CO.; Trubner & CO. MDCCCLX. [2.ª ed.]. < http://books.google.pt/books?id=pIUSAAAIAAJ&pg=PA48&dq=Alexander+J.+Bames%5D+D.+Bonald%5D+D’Orsey&hl=pt-PT&ei=vo6lTYHdOJG7hAf-mrTTCQ&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=3&ved=0CDQQ6AEwAg#v=onepage&q&f=false > (acesso em 9-IV-2011).
Elucidário	<i>Elucidário Madeirense</i> , pelo Padre Fernando Augusto da Silva & Carlos Azevedo de Meneses, Fac-símile da edição de 1946. Funchal: Secretaria Regional de Turismo e Cultura / Direcção Regional dos Assuntos Culturais, 1984. Versão em CD-Rom, Funchal: Centro de Estudos de História do Atlântico, s.d., [1998?].
Encyclopédie	<i>Encyclopédie ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, par une société de gens de lettres</i> . Paris: Briason, David, Le Breton, Durand, 1751-80, 35 vols.. CH-Bu, JOI 42.
Estampas	<i>Estampas, aquarelas e desenhos da Madeira romântica</i> . Casa Museu Frederico de Freitas. Funchal: C.M.F.F., 1988. P-Ln, B.A. 10581.
EMPSXX	<i>Enciclopédia da Música em Portugal no Século XX</i> . Direcção de Salwa Castelo-Branco. Lisboa: Círculo de Leitores/Temas e Debates e Autores – INET, 2010, 4 vols..
EsteireiroH	Paulo Esteireiro (ed.), <i>50 Histórias de Músicos Madeirenses</i> . Funchal: GCEA/Funchal 500 Anos, 2008.
EsteireiroR	Paulo Esteireiro, “O Repertório dos Bailes Funchalenses na 2ª Metade do Séc. XIX. As Composições e Orquestrações de Ansemo Serrão e Augusto Miguéis”, <i>Madeira</i> , pp. 515-39.
Fábrica	<i>Fábrica de sons: Instrumentos de música europeia dos séculos XVI a XX</i> , catálogo, Museu da Música. Lisboa: Electa, 1994.
FonsecaD	José da Fonseca, <i>Diccionario da lingua portuguesa, de [...]. Feito inteiramente de novo e consideravelmente augmentado por J.-I. Roquete</i> , Paris: V ^o J.-P. Aillaud, Guillard e C ^a , 1863.
FrançaJ	Isabella de França, <i>Journal of a Visit to Madeira and Portugal (1853-1854) / Jornal de uma visita à Madeira e a Portugal (1853-1854)</i> . Tradução de Cabral do Nascimento. Notas e comentários de Santos Simões. Funchal: Junta Geral do Distrito Autónomo da Madeira, 1970, 2 vols. P-Ln, H.G. 8813 A.. < http://nesos.madeira-edu.pt/fr_imagens_livro.cfm?cod_livro=561 > (acesso em 17-II-2010).

- GihonS Albert Leary Gihon (1833-1901), "A Summer Cruise Among the Atlantic Islands", *Harper's New Monthly Magazine*, vol. LIV, n.º 322 (March 1877), pp. 546-557. <<http://ebooks.library.cornell.edu/h/harp/>> (acesso em 16-II-2011).
- GrabhamC Michael C. Grabham, *The climate and resources of Madeira*. Londres: John Churchill & Sons, 1870. P-Ln, H.G. 30125 P. < http://nesos.madeira-edu.pt/fr_imagens_livro.cfm?cod_livro=563> (acesso em 12-II-2009).
- Grove *The New Grove Dictionary of Music & Musicians*. Edited by Stanley Sadie. London: Macmillan Publishers, 1980. 20 vols..
- História *História da Madeira*. Coordenação Alberto Vieira. Colaboração Abel Soares Fernandes, Emanuel Janes, Gabriel Pita. Funchal: Secretaria Regional de Turismo.
- HutcheonT J. Edith Hutcheon, *Things Seen in Madeira. A Description of one of the most Beautiful Islands in the World, the Impressiveness of its Mountain Scenery, its Rich Flora, the Genial Nature of its People, their Occupations, Habits & Festas*. London: Seele, Service & Co. Limited, 1928: <http://nesos.madeira-edu.pt/fr_imagens_livro.cfm?cod_livro=652> (acesso em 15-III-2011).
- JardimM A.[lberto] F.[igueira] Jardim, *Madeira. The Pearl of the Atlantic*, Lisbon: Anuario Commercial, 1914.< http://nesos.madeira-edu.pt/fr_imagens_livro.cfm?cod_livro=663> (acesso em 10-II-2010).
- JohnsonM James Yate Johnson, *Madeira, its climate and scenery. A hand-book for invalid and other visitors[...]* by [...]*Third editions. [...]*. Londres: Dulau & Co., 1887. P-Ln, H.G. 35167 P.. < http://nesos.madeira-edu.pt/fr_imagens_livro.cfm?cod_livro=559> (acesso em 25-III-2009).
- KingH John King, *The Hawaiian Ukulele & Guitar. Aslisted in the Honolulu City Directoy and other contemporary sources for the years 1884 to 1930 [...]*. Florida: Nalu Music, 2.^a ed., 2003.
- KoebelM W.[illiam] H.[enry] Koebel (1872-1923), *Madeira: Old an New*, London: Francis Griffiths, 1909. P-Ln, H.G. 37133V. e H.G. 9017V.. <<http://nesos.madeira-edu.pt/database.cfm>> (acesso em 12-III-2011).
- LambertiniC Michel'Angelo Lambertini, *Chansons et Instruments. Renseignements pour l'étude du folk-lore portugais*. Lisboa: Lambertini, s.d., 1902. A data é avançada in: LambertiniP, p. 2405, n. 2.
- LambertiniI Michel'Angelo Lambertini, *Industria Instrumental Portuguesa*. Lisboa: Typ. do Anuario Comercial, 1914.
- LambertiniM Michel'Angelo Lambertini, *Primeiro Nucleo de um Museu Instrumental em Lisboa. Catalogo sumario coordenado por [...]*. Lisboa: Typographia «A Editora Limitada», 1914.
- LambertiniP Michel'Angelo Lambertini, "Portugal", *Encyclopédie de la Musique & Dictionnaire du Conservatoire*, Paris: Libraire Delagrave, 1914, fascículo 76, pp. 2401-2469.; tb. vol. IV, 1914.
- LopesM Maria Antónia Lopes, *Mulheres, espaço e sociabilidade. A transformação dos papeis femininos em Portugal à luz de fontes literárias (segunda metade do século XVIII)*. Lisboa: Livros Horizonte, 1989.
- Madeira *A Madeira e a Música. Estudos (c. 1508-c. 1974)*. Coordenação Manuel Morais. Introdução Rui Carita. Funchal: Empresa Municipal "Funchal 500 Anos". 2008. <http://www.funchal500anos.com/04_detalhe.asp?ano=2008&id=280>(acesso em 9-III-2009).
- MarchS Charles Wainwright March, *Sketches and Adventures in Madeira, Portugal, and the Andalusias of Spain*. Nova Iorque: Harper & Brothers; Londres: Sampson Low, Son & Co., 1856. P-Ln, H.G. 27746 P..
- MelloV Luís de Sousa Mello, "Virtuosi" e "Dilettanti", *Islhena*, n.º 9 Jul.-Dez. 1991, pp. 76-80.
- Minguet y YrolR Pablo Minguet y Yrol (fl. 1733-35), *Reglas y advertencias generales que enseñan el modo de tañer todos los instrumentos mejores, y mas usuales, como son la guitarra, tiple, vandola, cythara, organo, harpa, psalterio, bandurria, violin, flauta traversera*,

-
- flauta dulce y la flautilla*. Madrid, 1752; red. facs. da ed. de Madrid de 1754, Genebra: Minkoff, 1981.
- MoitaP Irisalda Moita, *O povo de Lisboa: tipos, ambientes, modos de vida, mercados e feiras, divertimentos, mentalidades. Exposição iconográfica*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, s.d., [1979].
- MoraisA Manuel Morais, “Achegas para a História da Música na Madeira (c. 1584 - c. 1897). Os Instrumentos Populares de Corda Dedilhada na Madeira”, *Madeira*, pp. 19-97.
- MoraisC Manuel Morais, “Uma Coleção de Peças do Século XIX para Machete e Guitarra”, *Revista Xarabanda*, n.º 11 (1997), pp. 2-11.
- MoraisCd Manuel Morais, *Cândido Drumond de Vasconcelos. Coleção de peças para Machete. Collection of pieces for Machete (1846)*. Estudo e revisão. Edited with an introductory essay. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2003.
- MoraisD Manuel Morais (ed.), *Domingos Caldas Barbosa: Música escolhida da Viola de Lerenó*. Estudo introdutório revisão de [...], Lisboa: Estar / Centro de História da Arte, Universidade de Évora, 2003.
- MoraisE Manuel Morais (verbetes), “Braguinha”, “Cavaquinho”, “Guitarra”, “Guitarrão”, “Rajão”, “Viola francesa (Violão)”, *EMPSXX*, vols. I, p. 184; I, p. 273; II, p. 591; II, p. 603; IV, p. 1091 e IV, p. 1335.
- MoraisN Manuel Morais, “Notas sobre os instrumentos populares madeirenses: Machete, Rajão, Viola de arame e Viola Francesa”, *Revista Xarabanda*, n.º 12 (2.º semestre 1997), pp. 11-3.
- MoraisS Manuel Morais, “Sobre a guitarra em Portugal nos séculos XVIII e XIX”, *Fábrica*, p. 17-20.
- MoraisF Manuel Morais, “Fontes madeirenses de polifonia seiscentista”, *Islenha*, n.º 22, Jan.-Jun. 1998, pp. 49-58.
- MoraisM Manuel Morais, *Modinhas, Lunduns e Canções com Acompanhamento de Viola e Guitarra Inglesa (Séculos XVIII-XIX)*, Seleção e revisão de [...]. Prefácio de Rui Vieira Nery, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000.
- MoraisN Manuel Morais, “Notas sobre os instrumentos populares madeirenses: Machete, Rajão, Viola de arame e Viola Francesa”, *Revista Xarabanda*, n.º 12 (2.º semestre 1997), pp. 11-3.
- MoraisV Manuel Morais, “A Viola de Mão em Portugal (c. 1450-c. 1789)”, *Nassare* (2006), pp. 393-462.
- MoraisVa Manuel Morais, “A Viola d’Arame no Contexto Luso-Brasileiro”, *As Músicas Luso-Brasileiras no Final do Antigo Regime. Repertórios, Práticas e Representações*, Actas do Colóquio Internacional, Lisboa, F.C.G., 7-9 de Junho de 2008. (no prelo).
- OliveiraI Ernesto Veiga de Oliveira, *Instrumentos Musicais Populares Portugueses*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian / Museu Nacional de Etnologia, 2000, 3.ª ed..
- PaisP Alexandre Nobre Pais, *O Presépio em Portugal*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2007.
- PickenM Andrew Picken, *Madeira illustrated by [...]; with a description of the Island edited by Dr. J. Macaulay*. Londres: Day & Haghe’s Lithrs., 1840. P-Ln, D. S. XIX 605-606). Edição facs. da 2.ª ed. de Londres: Day & Haghe’s Lithrs., 1842.
- PereiraI Eduardo C.[lemente] N.[unes] Pereira, *Ilhas de Zarco*, Funchal: Câmara Municipal do Funchal, 1989, 4ª edição, 3 vols..
- PowerP C.[harles] A.[lexander] le P.[oer] Power, *Power’s Guide to the Island of Madeira (the Pride of Portugal)*. London: George Philip & Son, 1927. <http://nesos.madeira-edu.pt/fr_imagens_livro.cfm?cod_livro=673> (acesso em 15-II-2011).
- RibeiroN Manoel da Paixão Ribeiro, *Nova arte de viola que ensina a tocalla com fundamento sem mestre, dividida em duas partes, huma especulativa, e outra practica [...]*. Coimbra: Na Real Officina da Universidade, 1789. Para cópia manuscrita desta obra vide, P-Ln, M.M. 4823. <<http://purl.pt/168>> (acesso em 12-XII-2009).
- RojasM F.[rancisco] Sarmiento Rojas, *Método de timple de 4 y 5 cuerdas*. S.l. e s.d..

-
- RomanillosE José Luís Romanillos, *Exposición de guitarras antiguas españolas* [catálogo]. Alicante: Caja de Ahorros Provincial de Alicante, 1990.
- RomanillosV José Luís Romanillos & Marian Harris Winspear, *The Vihuela de Mano and the Spanish Guitar. A Dictionary of the Makers of Plucked and Bowed Musical Instruments of Spain (1200-2002)*. Guijosa: The Sanguino Press, 2002.
- SantosT Carlos M[aria] Santos, *Tocares e cantares da ilha: estudo do folclore da Madeira*. Funchal: Empreza Madeirense Editora Lda., 1938. No final do livro o autor alerta-nos para o facto que a sua “publicação estava marcada para 30 de Dezembro de 1937, começou a imprimir-se a 3 daquele mês, sofreu uma suspensão originada por motivos imprevistos e terminou a 4 de Fevereiro de 1938”.
- SantosTb Carlos M[aria] Santos, *Trovas e Bailados da Ilha. Estudo de Folclore Musical da Madeira*, Funchal: Delegação de Turismo da Madeira, 1942.
- SilvaD António de Moraes Silva, *Diccionario da lingua portuguesa, composto pelo padre D. Rafael Bluteau; reformado e acrescentado por [...]*. Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789.
- SilvaM José Manuel Azevedo e Silva, *A Madeira e a construção do mundo atlântico (séculos XV-XVIII)*, Funchal: Centro de Estudos de História do Atlântico/ Secretaria Regional do Turismo e Cultura, 1995, 2 vols.
- SilvaQ António Ribeiro Marques da Silva, *Apontamentos sobre quotidiano madeirense (1750-1900)*. Lisboa: Caminho, 1994.
- TaylorM Ellen M. Taylor, *Madeira: its scenery, and how to see it. With letters of a year's residence, [...]*. Londres: Edward Stanford, 1882 (P-Ln, H.G. 35129 P.); *Second edition, revised*. Londres: Edward Stanford, 1889 1882, P-Ln, H.G. 31465 P.. <http://nesos.madeira-edu.pt/fr_imagens_livro.cfm?cod_livro=631> (acesso em 15-III-2010).
- TrindadeI Rui Alves Trindade, “Instrumentos musicais populares madeirenses”, *Revista Xarabanda*, n.º 8 (2.º semestre,1995), pp. 3-23.
- VieiraD Ernesto Vieira, *Diccionario musical*. Lisboa: Gazeta Musical de Lisboa, 1890; J. P. Pacini, 1899.
- VieiraDb Ernesto Vieira, *Diccionario Biographico de Musicos Portuguezes*. Lisboa: Typographia Mattos Moreira & Pinheiro, 1900, 2 vols..
- VieiraE Alberto Vieira, *Do Éden à Arca de Noé. O Madeirense e o Quadro Natural*. Funchal: Secretaria Regional do Turismo / Centro de Estudos de História do Atlântico,1999. <http://nesos.madeira-edu.pt/fr_imagens_livro.cfm?cod_livro=640> (acesso em 20-III-2011).
- WhiteM Robert White, *Madeira, its Climate and Scenery. Containing Medical and General Information for Invalid and Visitors; a Tour of the Island, etc.; and an appendix. By [...]*, London: Cradock & Co. Paternoster Row; and F. Wilkinson & Co. Madeira, 1851. P-Ln, D.S. XIX-717. < http://nesos.madeira-edu.pt/fr_imagens_livro.cfm?cod_livro=501> (acesso em 15-II-2010).
- White/JohnsonM Robert White & James Yate Johnson, *Madeira, its climate and scenery. A hand-book for invalid and other visitors [...]* *Second editions. Edited, and great part re-written, by the additions of much new matter, by James Yate Johnson. [...]*. Edimburgo: Adam & Charles Black, 1857, P-Ln, H.G. 3727 V., e 1860, US-Lc, DP702.M16 W5.
- WortleyV Emmeline Stuart Wortley, *A visit to Portugal and Madeira*. Londres: Chapman and Hall, 1854. P-Ln, H.G. 2198V.. < http://nesos.madeira-edu.pt/fr_imagens_livro.cfm?cod_livro=561> (acesso em 16-I-2009).
-

Manuel Morais (CV brevíssimo)

Nasceu em Lisboa no ano de 1943...Continua vivo na esperança de encontrar mais compilações manuscritas (e impressas, quem sabe?) para o machete madeirense, machete de Braga, dito pelo vulgo madeirense braguinha e, no continente, cavaco ou cavaquinho.